

A Igreja Católica na História do Conde-BA

© Copyright 2026 by Walber Luide Andrade da Silva

Todos os direitos desta edição reservados ao autor. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucro ou vantagens, com observância da Lei de regência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja clara menção do nome do autor, título da obra, edição e paginação. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Diagramação
Joselito Miranda

Capa
Roseilde Reis

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

Silva, Walber Luide Andrade da.

S586f Fé, Cultura e Memória: a Igreja Católica na História
do Conde- BA./ Walber Luide Andrade da Silva.
- Conde-BA: ArtNer, 2026.

202p.: Il.

ISBN: 978-65-83131-67-6

1. Conde-BA - Igreja Católica 2. Conde - Primeiras Povoações
3. Identidade Social - Cultural
I - Título

CDU: 94:304

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária: Jane Guimarães Vasconcelos Santos CRB-5/975

EDITORA ARTNER

Tel.: (79) 99131-7653 • editoraartner@gmail.com • artner.com.br

Walber Luide

FÉ, CULTURA E MEMÓRIA:

A Igreja Católica na
História do Conde-BA

Conde-BA



2026

"Um dia
Tudo será passado
Tudo será memória
Tudo será lembrança
Tudo será história!"

Rev. Misael



APRESENTAÇÃO

O segundo volume da série “História do Conde” apresenta uma obra dedicada a revelar como a Igreja Católica influenciou diretamente na formação e organização do município do Conde, contribuindo para a sua identidade social, cultural e política.

Conde, um dos mais antigos municípios da Bahia, possui uma área de 954.452 km² e está situada na microrregião de Entre Rios, uma importante zona turística do estado. Faz limite com os municípios de Esplanada, Jandaíra e Rio Real, ocupando posição estratégica na costa norte baiana. Recebeu o título de “Capital da Linha Verde” por ser o único município da região cuja sede administrativa se encontra diretamente no litoral. No âmbito eclesiástico, o Conde integra a Diocese de Alagoinhas, destacando-se pela presença do Santuário Diocesano dedicado à Nossa Senhora do Monte, um dos mais expressivos centros de devoção mariana da região.

“A História do Brasil é uma história de frades”, escreveu João Capistrano de Abreu. E, de fato o legado deixado por esses religiosos foi de fundamental importância do Brasil Colonial, moldando profundamente a sociedade e a cultura do país. Em praticamente todo o território, os municípios surgidos no período colonial tiveram como ponto inicial uma pequena capela, geralmente a primeira instituição organizada de uma localidade, influenciando a organização social, educacional, cultural e política das comunidades locais, contribuindo para a construção de sociedades mais coesas, solidárias e moralmente comprometidas.

A obra percorre mais de quatro séculos de história do município do Conde, revelando a influência da fé católica desde os primeiros aldeamentos jesuítas até a vida pastoral contemporânea, marcada por uma variedade de contribuições, abrangendo desde a esfera espiritual e moral até a educação, assistência social e desenvolvimento comunitário.

A estrutura da obra é dividida entre **Matriz, Santuário e Capelas**. O primeiro, narra a origem do município, mencionando superficialmente os primeiros passos da Igreja Católica e sua expansão no Litoral Norte da Bahia.

Na segunda parte conheceremos a história do Santuário dedicado a Nossa Senhora do Monte, coração espiritual do Conde e da Paróquia Nosso Senhor do Bonfim, além de uma pequena biografia dedicada aos religiosos que fizeram e fazem a história da Igreja nesse município.

A terceira é dedicada às capelas — pequenas joias da religiosidade popular, espalhadas pelas comunidades urbanas e rurais. Cada uma delas guarda histórias, promessas e celebrações que testemunham a presença viva da fé ao longo dos tempos.

A história do Conde não pode ser contada sem citar os Jesuítas, pioneiros na evangelização do território baiano, que se dedicaram à catequese dos povos originários e à organização das primeiras povoações. Os frades capuchinhos, com sua simplicidade e dedicação pastoral deixaram marcas profundas na vida religiosa e social do povo condense e os padres alemães, cuja presença trouxe renovação e vigor à paróquia local.

O livro *Fé, Cultura e Memória: A Igreja Católica na História do Conde* convida o leitor a percorrer um caminho que une história, espiritualidade e cultura buscando preservar o legado de um povo cuja fé moldou não apenas templos e festas, mas também o modo de viver, de sonhar e de construir o futuro.

Walber Luide



SUMÁRIO

Prefácio	11
----------------	----

I - MATRIZ

Os Jesuítas	15
Diocese de São Salvador	18
Formação territorial do Litoral Norte.....	19
As primeiras povoações no Litoral Norte.....	21
Padre Luís da Grã	26
A guerra dos Tupinambás do Itapicuru.....	27
contra os portugueses.....	27
As terras do Conde em 1584	28
Os beneditinos herdaram as terras do Conde.....	30
Garcia d'Ávila	30
O testamento	32
Aldeamento Itapicuru de Baixo	33
Paróquia N. S. do Monte do Itapicuru da Praia.....	36
A expulsão dos jesuítas	37
Pe. José Joaquim	38
Pe. Paracho.....	39
Pe. Manoel de Barros	41
Pe. Manuel Rodrigues da Paixão.....	44
Pe. Antônio Pires de Sousa.....	45
Cônego Rodolpho Duarte Guimarães	49

Os Frades Capuchinhos	58
Os Capuchinhos em Esplanada.....	60
Os Operários da Obra.....	61
Religiosos nascidos no Conde	74
As Santas Missões dos capuchinhos	86
Congregação das Irmãs Capuchinhas da Imaculada de Lourdes.....	94
Os Diocesanos.....	96
A Diocese de Alagoinhas	97
Parceria de Solidariedade Missionária	103
 II - SANTUÁRIO	
Santuário Diocesano Nossa Senhora do Monte	129
A Padroeira	130
O templo.....	131
Alto do Cruzeiro.....	144
Paróquia Senhor Bom Jesus do Bonfim da Ribeira	147
Párocos da Paróquia Nosso Senhor do Bonfim	151
As comunidades do Conde e seus Padroeiros.....	156
 III - CAPELAS	
Capelas: histórias e curiosidades.....	163
Festas religiosas	185
Recordações dos fiéis.....	190
 Agradecimentos	 195
Bibliografia	197



PREFÁCIO

Desejo exprimir-lhe o meu profundo reconhecimento pelo generoso serviço ao povo condense ao apresentar a caminhada da Igreja Católica na história do município do Conde.

O que fascina neste trabalho é a síntese do olhar global e local para os acontecimentos históricos no Nordeste brasileiro e para a repercussão dessa conjuntura no município do Conde. Esta obra extensa mostra, com grande objetividade, a ambígua união entre a colonização e a evangelização no período colonial brasileiro, destacando o imenso esforço das diferentes congregações religiosas em levar a Boa Nova de Jesus Cristo para a América Latina.

A pesquisa cuidadosa do autor apresenta detalhes chocantes desse período colonial, como as pandemias que flagelavam os povos nativos, as agressões dos colonizadores, o estabelecimento de uma estrutura escravista e a consequente resistência heroica dos povos originários e dos escravos africanos. Destacam-se também as invasões de países europeus em solo brasileiro.

O livro traz uma breve avaliação histórica do fim do Império e, consequentemente, do Padroado, bem como do início da República. Uma nova era evangelizadora se dá com a vinda dos missionários capuchinhos. É grande o mérito do autor por ter pesquisado detalhadamente esse período e apresentado àqueles missionários que, em sua ação evangelizadora, uniram fé e vida, promovendo também a cultura, a educação e a saúde, preocupando-se com o bem-estar do povo na região do Litoral Norte da Bahia.

Impressiona a caminhada da Igreja Católica no Conde nas últimas décadas, valorizando os dons e carismas dos diferentes freis, padres, irmãs e irmãos de várias congregações, assim como dos leigos e leigas comprometidos com o povo condense, que se deparam com novos desafios: como evangelizar em um mundo cada vez mais secular? Como apoiar a população na busca por moradia digna, por terra para plantar e por trabalho para sustentar a vida?

Walber Luide pesquisa, com um esforço imenso, o surgimento e a estruturação das pequenas comunidades rurais no abrangente município do Conde, valorizando o empenho de levar o Evangelho ao povo do campo.

Louvor e gratidão por esta obra brilhante. O Reino de Deus está vivo no meio do povo condense.

Regen / Alemanha, 7 de agosto de 2024.

*Pe. Josef Goeppinger,
Pároco do Conde nos anos de 2001 a 2007.*

I MATRIZ



Os Jesuítas

A nacionalidade brasileira teve como princípio de vida a religião, demonstrando que os jesuítas desempenharam, desde o século XVI, um papel crucial na formação da identidade cultural e religiosa do país. Sua presença marcou profundamente a evangelização e a educação, embora sua influência tenha provocado conflito com interesses econômicos, fato que culminou na expulsão da ordem em várias regiões.

Doze anos separam a chegada dos Jesuítas à Bahia e o início da história do município do Conde. Os religiosos da Ordem Inaciana foram os primeiros a ter contato com os nativos do Itapicuru, em 1561.

A Companhia de Jesus foi fundada em 5 de agosto de 1534, por Inácio de Loyola, no contexto da Reforma e da Contrarreforma religiosa, sendo aprovada pelo Papa Paulo III em 27 de setembro de 1540. Na Europa, a Ordem desempenhou papel crucial na defesa dos ensinamentos católicos e na expansão do catolicismo para a América Latina, Ásia e parte da Europa. Seu objetivo principal era evitar o aumento do número de protestantes e, nas colônias, converter os povos originários à fé cristã.

O início das missões jesuíticas no Brasil encontra fundamentado na Bula Papal *"Sublimis Deis"*, emitida em 29 de maio de 1537. No documento, o Papa afirmava que os povos originários eram plenamente capazes de compreender a fé cristã, proibindo sua escravização e buscava garantir sua liberdade e seus direitos.

Antes dos jesuítas¹, porém, outros religiosos já haviam pisado em solo brasileiro. Na esquadra de Pedro Álvares Cabral havia oito franciscanos², responsáveis pelas duas primeiras missas celebradas no país. A primeira, em 26 de abril de 1500 — domingo de Páscoa —, no litoral sul da Bahia, simbolizou o início do cristianismo no Brasil, foi celebrada pelo capelão-mor da esquadra, Frei Henrique Soares de Coimbra. Pero Vaz de Caminha, escrivão da frota, registrou:

“Ao domingo de Pascoela pela manhã, determinou o Capitão de ir ouvir missa e pregação naquele ilhéu. Mandou a todos os capitães que se aprestassem nos batéis e fossem com ele. E assim foi feito. Mandou naquele ilhéu armar um esperavel, e dentro dele um altar mui bem corregido. E ali com todos nós outro fez dizer missa, a qual foi dita pelo padre Frei Henrique, em voz entoada, e oficiada com aquela mesma voz pelos outros padres e sacerdotes, que todos eram ali. A qual missa, segundo meu parecer, foi ouvida por todos com muito prazer e devoção. Ali era com o Capitão a bandeira de Cristo, com que saiu de Belém, a qual esteve sempre levantada, da parte do Evangelho”.

Pe. Serafim Leite informa que a segunda missa ocorreu na foz do rio Mutari, em primeiro de maio de 1500, ocasião em que Cabral batizou a terra “recém-descoberta” com o nome de Ilha de Vera Cruz:

-
- 1 Embora os jesuítas tenham sido os primeiros religiosos oficialmente enviados para trabalhar no Brasil, em 1549, há registro da presença de vários frades franciscanos no litoral entre 1503 e 1584.
 - 2 Na embarcação estavam presentes Frei Henrique Soares, os pregadores Frei Gaspar, Frei Francisco da Cruz, Frei Simão de Guimarães e Luiz do Salvador; o sacerdote organista e músico, Frei Masseo; o corista, Frei Pedro Neto e Frei João da Vitória, irmão leigo.

“Pedro Alvares mandara construir uma grande cruz (...) Trouxeram-na em procissão e plantaram-na no local escolhido. Armaram um altar ao pé dela, e Frei Henrique celebrou a missa. Estavam também presentes uns cinquenta ou sessenta índios da terra.” LEITE (1937, p.12)

Os jesuítas chegaram à Bahia em 29 de março de 1549, integrando a comitiva do primeiro Governador-Geral, Tomé de Sousa. Com sua chegada, inauguraram-se as primeiras ações religiosas organizadas no Brasil colonial. Cabia aos missionários a tarefa de catequizar os povos indígenas, bem como fundar aldeias e estabelecer missões que servissem de base para o trabalho evangelizador.

No primeiro momento a tarefa de catequização foi efetuada com muita dificuldade: os religiosos não conheciam a língua indígena, doenças trazidas pelos portugueses dizimaram grande parte da população inteiras e muitos indígenas, fugindo da escravidão, atacavam colonos e clérigos. Ainda assim, o trabalho missionário foi marcado por uma abordagem que, em alguns casos, respeitava as tradições indígenas, promovendo um diálogo cultural e tentativas de conciliar práticas nativas com a fé cristã.

A educação no Brasil foi alicerçada sobre o trabalho dos Jesuítas, pois além da catequese que ministravam aos nativos, educavam também os filhos de colonos. Para que isso fosse possível, esses padres fundaram colégios em diversas partes do Brasil. Em Salvador, fundaram uma escola para crianças indígenas em 1551 e, em 1553, um colégio, que oferecia curso em humanidade e noviciado. Entre os jesuítas notáveis estava o espanhol José de Anchieta, figura central da educação no Brasil.

Até o final do século XVI, além dos jesuítas, também se estabeleceram no litoral as ordens mendicantes (Franciscanos, Beneditinos e Carmelitas) e diversas ordens laicas (terceiras,

irmandades e confrarias). As igrejas, além das funções religiosas, desempenhavam papel central na sociedade: administrava hospitais, asilos, orfanatos, cemitérios e mantinham os registros de batismo, matrimônio e óbito.

Diocese de São Salvador

Desde o início da colonização, a Igreja católica foi uma instituição importante na organização social, política e cultural da Bahia. A vida moral, educativa e festiva girava em torno das instituições religiosas.

Até a chegada da lei da separação entre Igreja e Estado, a Igreja Católica estava diretamente vinculada à Coroa Portuguesa através do Padroado – acordo em que a igreja era responsável pelos cultos e pela administração espiritual, enquanto a Coroa nomeava e pagava os religiosos.

Em 25 de fevereiro de 1551, pela Bula “*Super Specula Militantis Ecclesiae*”, o Papa Júlio III, a pedido do Rei D. João II, criou a Diocese de São Salvador da Bahia de Todos os Santos, desmembrada da Arquidiocese de Funchal. Em 3 de julho de mesmo ano, tornou-se sufragânea da Sé de Lisboa. Em 31 de julho, a Igreja de Nossa Senhora da Ajuda — a primeira construída dentro dos muros da cidade (a primeira igreja edificada foi a de N.S. da Conceição da Praia em 1549) — foi elevada à dignidade de Bispado. A igreja teve, provisoriamente, atribuições de Sé, sendo chamada de Sé de Palha, tendo como primeiro bispo Dom Pero Fernandes Sardinha.

Em 1553, instalou-se a primeira Catedral Basílica Primacial de São Salvador, mais conhecida como Igreja da Sé³. Em julho do mesmo ano foi criada a Província Jesuítica do Brasil.

3 Demolida em 1933 para dar espaço à circulação de bondes de uma empresa inglesa.